

Congresso terá novas lideranças

Parlamento reabre na quinta-feira com outras estrelas no foco do poder

GRAÇA RAMOS

BRASÍLIA — O Congresso Nacional que reabre as portas nesta quinta-feira não é o mesmo que encerrou as atividades em dezembro. Os centros de atração e irradiação do poder passam agora por gabinetes antes desconhecidos e começam a brilhar dois nomes: os dos líderes do novo governo, deputado Renan Calheiros (PRN-AL) e senador Carlos Chierelli (PFL-RS). Por eles, passarão todas as negociações capazes de viabilizar as medidas do governo de Fernando Collor.

Pelo lado da oposição, os focos de iluminação se localizam nos gabinetes do PT e PDT. Em um ponto todos estão de acordo, governo e oposição: as conversas passam pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, atualmente presidida pelo deputado Nelson Jobim (PMDB-RS), e pela Comissão de Orçamento, encabeçada pelo deputado Cid Carvalho (PMDB-MA).

No Congresso eleito em 1986, preocupado com a estabilidade do governo de transição e com a elaboração da nova Constituição, uma sombra poderosa esteve presente nos últimos três anos, a do tri e, às vezes, tetra-presidente Ulysses Guimarães — presidente da Câmara, da Constituinte e do majoritário PMDB, além de substituto do presidente da República. Agora, Ulysses detém apenas a

presidência do PMDB que disputa com o governador de São Paulo, Orestes Quércia.

Há políticos, como o ex-deputado Heráclito Fortes, prefeito de Teresina e fiel a Ulysses, que acreditam na manutenção de poder de negociação do presidente do PMDB. Mas muitos políticos prevêem uma fundamental alteração nas relações de poder. Ao garantir que todas as medidas do governo serão examinadas previamente pelas lideranças partidárias, o senador Chiarelli indica quem serão seus interlocutores diretos. "As peças fundamentais serão os líderes dos partidos", analisa o ex-deputado João Gilberto, professor da Universidade de Brasília (UNB).

O brasilianista David Fleischer, professor de Ciência Política da VNB e que há anos acompanha o Congresso Nacional, acredita que reforçará sua posição o candidato derrotado à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT-SP) "com certeza, ele será um pólo brilhante de atração", diz o professor.

Mas, se fosse apostar fichas, Fleischer jogaria todas em um único nome — o do deputado e jurista Nelson Jobim, presidente da poderosa Comissão de Justiça da Câmara, responsável pela análise preliminar de todos os projetos a serem discutidos no Congresso. O problema é que as Comissões foram reduzidas de 16 para 13 e todas terão de escolher novos presidentes esse ano. Assim, uma das principais tarefas do governo Collor será usar da sua influência para definir quem serão os novos poderosos do Congresso.